

IA Generativa na Arte: Limites e Dilemas

Por Luciane Zorzo (Maio, 2025)

Introdução

A inteligência artificial generativa vem transformando radicalmente a forma como imagens, textos e músicas podem ser criados. Algoritmos de última geração são capazes de produzir pinturas originais, escrever contos e compor melodias que imitam estilos humanos, levantando debates intensos sobre autoria, ética e o futuro do trabalho criativo. No domínio das artes visuais em especial, mas também atravessando a literatura, a música e outras áreas da criação, multiplicam-se questionamentos sobre até onde vão os limites dessa tecnologia e quais dilemas ela impõe à cultura.

Este relatório aprofunda os **limites e dilemas do uso da IA generativa na arte**, estruturando a discussão em cinco eixos temáticos principais: (1) Ética e autoria – abordando propriedade intelectual e reconhecimento do trabalho humano; (2) Impactos no trabalho criativo – oportunidades, ameaças e desigualdades para artistas e criadores; (3) Casos e controvérsias atuais – exemplos concretos que ilustram os debates em curso; (4) Reflexões filosóficas – questões sobre a natureza da arte e da criatividade diante das máquinas; e (5) Perspectiva sistêmica – uma visão histórica e de futuro (possíveis cenários distópicos ou emancipatórios) do fenômeno.

A seguir, cada seção apresenta dados recentes, opiniões de especialistas, exemplos polêmicos e reflexões acadêmicas para embasar uma compreensão abrangente do tema. O conteúdo foi organizado de forma acessível, permitindo leitura e assimilação em poucas horas, servindo de base informativa para debates e decisões conscientes.

Ética e autoria

Imagem: “A Recent Entrance to Paradise” (2016), gerada por IA através do sistema “Creativity Machine” de Stephen Thaler. Esta obra, criada sem participação humana direta,

teve o registro negado pelo Escritório de Direitos Autorais dos EUA, levantando questões sobre autoria e proteção legal de artefatos produzidos por inteligência artificial. oglobo.globo.com

Um dos debates centrais sobre IA generativa na arte diz respeito à **autoria e propriedade intelectual**. Diferentemente da criação tradicional, em que um ser humano assina a obra, no caso de imagens, textos ou músicas gerados por algoritmos surge a dúvida: **quem é o autor?** Seria o programador do modelo, o usuário que forneceu o prompt, ou nenhuma pessoa em específico terra.com.br? A legislação atual, em grande parte, ainda não oferece respostas claras. Nos Estados Unidos, por exemplo, a justiça reafirmou recentemente que obras inteiramente geradas por IA *sem intervenção humana* não podem ser protegidas por direitos autorais oglobo.globo.com. O caso emblemático envolveu Stephen Thaler, cujo sistema **DABUS** criou a imagem “A Recent Entrance to Paradise” – o registro autoral foi negado com o argumento de que faltava um autor humano, requisito fundamental segundo a lei vigente oglobo.globo.com. Embora o tribunal tenha reconhecido que *obras assistidas por IA podem ser protegidas* caso haja participação humana substancial, não há consenso legal sobre qual grau de envolvimento humano seria necessário oglobo.globo.com.

Essa indefinição jurídica agrava a tensão entre artistas e as novas tecnologias. Muitos criadores temem ver seu trabalho diluído ou apropriado sem crédito. **Estilos artísticos e referências visuais** são frequentemente aprendidos pelas IA a partir de bancos de dados gigantescos, muitas vezes usando obras de artistas reais. Isso levanta questões éticas e legais sobre uso justo e exploração: até que ponto a IA pode usar obras preexistentes como referência sem violar direitos autorais? terra.com.br Atualmente, o *estilo visual em si* não é algo protegido por copyright estritamente; entretanto, o uso massivo de imagens de um artista ou estúdio para treinar modelos de IA coloca em xeque os limites do aceitável. Advogados de propriedade intelectual apontam que esta é uma “zona cinzenta” do ponto de vista legal, especialmente se os conjuntos de treinamento incluem obras protegidas epocanegocios.globo.com. Empresas de mídia já começam a reagir: em 2023, o jornal *The New York Times* processou a OpenAI pelo uso indevido de seu conteúdo jornalístico em treinamento de IA epocanegocios.globo.com, e organizações de autores movem ações similares – indicando que essa controvérsia tende a crescer conforme a tecnologia avança.

Do ponto de vista ético, discute-se se é justo que **modelos de IA lucrem com o repertório criativo humano sem retribuição**. Artistas argumentam que suas obras serviram de insumo para a inteligência artificial e, portanto, eles mereceriam reconhecimento ou

compensação quando novas imagens derivadas desses aprendizados são geradas weareiteca.com. Movimentos como o “*Artists Against AI*” defendem que os sistemas de IA só deveriam operar com consentimento dos criadores originais e respeitando os direitos autorais weareiteca.com. De fato, uma pesquisa recente da Authors Guild (EUA) revelou que **90% dos escritores** acreditam que autores devem ser compensados se seus livros forem usados para treinar IA authorsguild.org. Há sugestões de criar um sistema de licenciamento coletivo remunerado, de modo que cada uso de obra alheia no treinamento gere um retorno financeiro aos autores originais authorsguild.org.

Outra faceta importante é a **valorização do trabalho criativo humano**. Se uma pintura ou música gerada por IA alcança sucesso comercial, quem deveria colher os louros? Muitos temem a desvalorização do *processo criativo humano*: ou seja, se o público e o mercado passarem a valorizar apenas o produto final (imagem, texto, música), indiferente se foi feito por uma pessoa ou por IA, os artistas humanos perderiam incentivo e reconhecimento. Como resposta, tem havido esforços para distinguir e prestigiar a criação humana. Por exemplo, algumas plataformas de conteúdo começaram a etiquetar ou banir material gerado por IA sem disclosure, e concursos artísticos enfrentam o dilema de permitir ou não participações auxiliadas por IA. Em um caso notório, uma obra criada com ajuda da IA Midjourney venceu um concurso de arte nos EUA em 2022, gerando críticas de outros artistas sobre a falta de transparência e levando organizadores a repensar regras para futuras edições.

Em síntese, na dimensão ética e de autoria, a IA generativa pressiona por **atualizações normativas e culturais**: leis de direitos autorais terão de se adaptar para definir autoria e uso justo em cenários híbridos homem-máquina, ao mesmo tempo em que a comunidade artística busca mecanismos de proteção e valorização do fator humano na criatividade. Trata-se de equilibrar a inovação tecnológica com a justa recompensa e reconhecimento do trabalho criativo das pessoas.

Impactos no trabalho criativo

A proliferação de ferramentas de IA generativa traz **impactos ambíguos para profissionais criativos** – ao mesmo tempo em que abre possibilidades inéditas de

expressão e eficiência, também ameaça modelos tradicionais de trabalho e pode acirrar desigualdades.

Do lado das **oportunidades**, muitos artistas, designers, escritores e músicos estão incorporando IA em seu fluxo de trabalho para expandir sua criatividade. Por exemplo, sistemas de geração de imagens como Midjourney ou Stable Diffusion permitem a designers criar rapidamente protótipos visuais a partir de descrições, algo que antes demandaria horas de esboço. No campo literário, autores usam assistentes como o ChatGPT para brainstormar ideias, revisar gramática ou até co-escrever trechos, acelerando etapas do processo authorsguild.org — conforme fiz para pesquisar e preparar esse conteúdo que você lê agora. Uma enquete com profissionais de criação mostrou que uma esmagadora maioria **já adotou ferramentas de IA em suas práticas**: 83% dos criativos consultados declararam usar algum recurso de aprendizado de máquina no trabalho, e quase metade tinha utilizado tais ferramentas na última semana itsnicethat.com. Entre esses, muitos veem vantagens em automatizar tarefas repetitivas ou técnicas (como limpar uma imagem, checar ortografia ou gerar variações de uma peça), liberando tempo para se concentrarem em conceitos e direção de arte itsnicethat.com. Esse entusiasmo se reflete em **sentimentos de curiosidade e animação**: 56% dos respondentes disseram estar curiosos e 41% empolgados com as oportunidades futuras da IA na criatividade itsnicethat.com. Em tese, a IA poderia **democratizar a criação artística**, permitindo que pessoas sem formação técnica produzam obras visualmente atraentes ou textos bem estruturados — um ganho de inclusão na produção cultural.

Entretanto, o lado das **ameaças e riscos** é igualmente evidente. Muitos artistas temem a **substituição**: algoritmos capazes de gerar arte de qualidade poderiam tornar dispensável a contratação de ilustradores, fotógrafos, redatores ou compositores, por exemplo. Esses temores não são infundados. Uma pesquisa com artistas visualmente engajados indicou que **54,6% acreditam que a IA pode reduzir suas oportunidades de trabalho**, à medida que clientes optem por soluções mais baratas e rápidas fornecidas pela tecnologia weareiteca.com. De fato, para certos tipos de encomenda — como criar imagens conceituais rápidas, backgrounds genéricos ou textos padrão — algumas empresas já preferem usar IA em vez de pagar um profissional humano, por economia de tempo e custo. Essa tendência suscita o receio de uma *precarização do trabalho criativo*: redução de postos, remunerações mais baixas e exigência de que o artista assuma funções de “engenheiro de prompt” ao

invés de realmente criar do zero. Em outras palavras, o criador humano ficaria relegado a refinar ou dar instruções à máquina, ao invés de ser o autor pleno da obra, o que poderia desvalorizar suas habilidades autorais.

Além disso, apontam-se **desigualdades de acesso** nessa revolução. Embora ferramentas básicas de IA estejam amplamente disponíveis, os resultados mais avançados frequentemente demandam infraestrutura poderosa (hardwares de ponta, acesso a APIs pagas, etc.) que **nem todos os criadores possuem**. Grandes estúdios e empresas de tecnologia têm vantagem competitiva, pois dispõem de modelos proprietários e recursos para treinar IA sob medida – algo fora do alcance de artistas autônomos ou de regiões menos desenvolvidas, ampliando assim a concentração de mercado exame.com. Observa-se também um fenômeno de “ghost work” ou trabalho fantasma por trás das IAs: muitos dos benefícios gerados escondem o labor invisível de **colaboradores humanos mal remunerados**, como etiquetadores de dados, moderadores de conteúdo e outros operadores que treinam e limpam os datasets yalelawjournal.org. Com frequência, esse trabalho é terceirizado em países em desenvolvimento a salários baixíssimos, o que configura uma nova dimensão de exploração global na indústria criativa-tecnológica yalelawjournal.org. Assim, enquanto um ilustrador nos EUA pode perder espaço para uma IA que replica seu estilo sem créditos, trabalhadores anônimos no exterior podem estar se expondo a conteúdo tóxico para tornar essa IA utilizável – dois lados perversos da moeda se não houver salvaguardas.

Outra preocupação é a **homogeneização cultural**. Se todo mundo passa a usar os mesmos modelos de IA treinados nos mesmos conjuntos de dados, corre-se o risco de uma estética dominante e previsível. A criatividade humana, diversa e inesperada, poderia dar lugar a versões “médias” do que já foi feito. Artistas temem que a originalidade sofra quando algoritmos tendem a replicar padrões populares existentes weareiteca.com. Isso se agrava pela ausência de *intenção e vivência* na máquina: como ressaltam críticos, a IA não possui *imaginação genuína* nem experiência de vida para se basear weareiteca.comweareiteca.com. Logo, ainda que gere obras tecnicamente impressionantes, pode faltar a essas criações a profundidade de significado e a autenticidade pessoal que caracterizam a arte humana – o que, a longo prazo, poderia diminuir a riqueza cultural se tais obras “vazias” inundarem o mercado.

Os **futuros possíveis** para o trabalho criativo sob influência da IA são objeto de especulação. Num cenário pessimista (distópico), imagina-se uma indústria cultural amplamente automatizada: agências de publicidade demitindo redatores, estúdios substituindo animadores por geradores de imagem, editoras publicando livros escritos por máquinas. Nesse futuro, o artista humano teria de se reinventar ou se tornar um nicho artesanal, com muita dificuldade de sustento. Poderíamos assistir a um aumento da concentração de renda – com poucas empresas de tecnologia dominando a produção criativa global – e uma perda de diversidade cultural, com conteúdo cada vez mais derivativo. Essa perspectiva sombria envolve também possíveis **abusos**: IA produzindo desinformação ou deepfakes artísticos, uso da voz ou imagem de atores e cantores sem consentimento (já hoje uma fonte de polêmicas na música, como veremos) e um público saturado de conteúdo superficial. Alguns críticos veem nesse caminho uma ameaça existencial à profissão artística: “há o receio de que a IA venha a tornar os artistas supérfluos em algum momento” shifter.pt, manifestando uma espécie de “*ansiedade prometeica*” – isto é, o medo de que nada mais reste de exclusivo aos humanos no campo da criatividade após a máquina dominar também esse espaço shifter.pt.

Por outro lado, há visões otimistas (ou *emancipatórias*). Muitos argumentam que a IA, em vez de eliminar os artistas, **poderá libertá-los de tarefas mecânicas** e ampliar seu potencial criativo. Nesse cenário, a relação seria de colaboração: o humano continua como o **agente criativo principal**, usando a IA como uma ferramenta avançada – quase como um pincel ou instrumento musical inteligente – para testar ideias, combinar referências e executar detalhes técnicos. Assim, artistas poderiam se concentrar mais na concepção, na emoção e na mensagem das obras, delegando à IA a materialização de partes tediosas ou extremamente complexas. Alguns futurologistas preveem o surgimento de **novas profissões criativas**, como “*diretor de criatividade de IA*” ou “*curador de dataset artístico*”, onde humanos guiariam estrategicamente múltiplas IAs para produzir obras multimodais. O resultado poderia ser uma explosão de novos gêneros artísticos híbridos e uma inclusão maior de vozes – imagine pessoas sem treinamento em pintura conseguindo expressar visualmente sua imaginação com ajuda de IA, ou escritores gerando universos interativos completos em parceria com algoritmos narrativos. Nesse futuro, a arte continuaria evoluindo, e a presença da mão humana – embora diferente – ainda seria crucial na orientação e no propósito das criações.

O cenário mais provável talvez não seja nem totalmente distópico nem utópico, e sim um meio-termo a ser construído. Especialistas lembram que *o avanço da IA é inevitável, mas a direção em que ele vai nos levar ainda depende das escolhas sociais e políticas que fizermos agora* exame.com. Regulamentações inteligentes, acordos entre empresas de tecnologia e instituições de direitos autorais, e uma adaptação por parte dos profissionais criativos serão determinantes para equilibrar os benefícios e os prejuízos. Como coloca o pesquisador Cesar Taurion, “não vamos deter esse avanço. Mas podemos influenciar a direção. O futuro não é determinado” – cabe à sociedade moldá-lo para o bem comum exame.com.

Em suma, os impactos da IA generativa no trabalho criativo são profundos e complexos. Há riscos reais de perda de empregos e de enfraquecimento da autoria humana, mas também há a promessa de uma reinvenção do que significa criar arte, possivelmente elevando a criatividade a patamares inéditos. A maneira como navegaremos por esses impactos – mitigando injustiças, distribuindo ganhos e redefinindo papéis – determinará se a IA será vista, em retrospecto, como uma aliada ou uma inimiga dos artistas.

Casos e controvérsias atuais

Para concretizar esses debates, alguns **casos recentes e polêmicos** ilustram os dilemas do uso de IA na arte e na criação em geral. Abaixo, destacamos exemplos marcantes envolvendo artes visuais, literatura e música, evidenciando os conflitos que já estão ocorrendo no mundo real:

- **Imagens “estilo Studio Ghibli” via IA (2025)** – No fim de março de 2025, usuários do ChatGPT com DALL-E 3 desencadearam uma viralização de imagens pessoais transformadas com o visual das animações do Studio Ghibli epocanegocios.globo.com. Pessoas converteram selfies, fotos de pets e memes em versões que remetiam ao traço de filmes como *A Viagem de Chihiro* e *Meu Amigo Totoro*. A tendência espalhou-se tão rápido que o próprio CEO da OpenAI, Sam Altman, entrou na brincadeira, chegando a trocar sua foto de perfil por uma imagem no estilo Ghibli epocanegocios.globo.com. Apesar do tom bem-humorado inicial, o episódio acendeu **debate sobre os limites da IA em imitar obras artísticas alheias**. O lendário cineasta **Hayao Miyazaki**, cofundador do Studio Ghibli, já havia criticado duramente

a ideia de arte criada por IA, chegando a dizer em 2016: “Sinto que isso é um insulto à própria vida” epocanegocios.globo.com. Diante da repercussão negativa entre artistas e fãs, a OpenAI anunciou rapidamente medidas para **restringir a geração de imagens que copiem estilos de artistas vivos**. A empresa implantou filtros que bloqueiam prompts do tipo “no estilo de [nome do artista]”, embora permitindo estilos genéricos de estúdios ou já falecidos, com monitoramento contínuo epocanegocios.globo.com. Esse caso expôs um ponto nevrálgico: legalmente, *estilos* não são protegidos por direitos autorais, mas moral e economicamente há pressão para proteger os criadores. Especialistas apontaram que, se modelos foram treinados extensivamente em frames e artes dos filmes Ghibli, há fundamentos para questionar em tribunal se isso extrapola o “uso justo” epocanegocios.globo.com. Em suma, a polêmica Ghibli evidenciou a linha tênue entre inspiração e infração quando a IA entra em jogo, forçando empresas como a OpenAI a reverem políticas e provando que o debate sobre direitos autorais na era da IA está apenas começando.

- **Disputas legais de artistas e autores vs. IA (2023 – presente)** – Nos últimos anos, criadores têm levado à justiça sua insatisfação com o uso não autorizado de obras em treinamentos de IA. Em 2023, um grupo de artistas visuais – incluindo Sarah Andersen, Kelly McKernan e Karla Ortiz – moveu um **processo coletivo contra a Stability AI, Midjourney e a plataforma DeviantArt**, acusando-as de violação de direitos autorais ao utilizar milhões de imagens protegidas para treinar sistemas generativos reuters.com. Em outubro de 2023, um juiz federal da Califórnia deu provimento parcial à ação: embora tenha descartado algumas alegações, ele manteve a principal – a de que o uso das obras dos artistas para treinar o modelo Stable Diffusion **pode constituir infração de copyright**, cabendo averiguação dos fatos em julgamento reuters.com. Esse reconhecimento judicial de que há um *caso plausível* marcou uma vitória para os artistas, ainda que preliminar. Outras ações semelhantes se seguiram ou estão em andamento, formando uma onda de litigância em defesa dos direitos de criadores contra empresas de IA reuters.com. Também no front legal, a gigante **Getty Images processou a Stability AI** em 2023, acusando-a de usar *12 milhões de fotos* de seu banco de imagens sem licença – um caso emblemático onde até marcas d’água da Getty teriam aparecido em imagens geradas, sugerindo cópia indevida. No campo literário, **autores e editoras** estão reagindo: além do já citado processo do *New York Times* contra a OpenAI, houve mobilização da Authors Guild representando vários escritores

(incluindo nomes conhecidos) em ações contra a OpenAI e Meta, argumentando que livros inteiros foram copiados para treinar modelos de linguagem sem autorização. Essas disputas legais, ainda em andamento, devem estabelecer precedentes importantes sobre se *treinar uma IA equivale a “copiar” obras alheias* e quais são os limites legais para isso. O fato de envolver grandes plataformas e múltiplas categorias de criadores mostra a abrangência do conflito.

- **Protesto contra leilão de arte por IA (2022)** – A tensão entre artistas tradicionais e arte de IA também se manifestou fora dos tribunais. Em outubro de 2022, a famosa casa de leilões Christie’s organizou um leilão dedicado exclusivamente a obras de arte geradas por inteligência artificial. A iniciativa provocou forte reação: **mais de 1.000 artistas e profissionais assinaram uma carta aberta** pedindo o cancelamento do evento terra.com.br. Os signatários acusavam os algoritmos por trás daquelas obras leiloadas de “roubar trabalhos de artistas” durante seu treinamento, argumentando que era antiético comercializar obras derivadas de tal exploração terra.com.br/terra.com.br. O protesto reuniu artistas plásticos, músicos e escritores, unindo vozes contra a validação mercadológica da arte gerada por IA sem consideração pelos autores originais. Embora a Christie’s não tenha cancelado o leilão, o episódio serviu para dar visibilidade às demandas por mais transparência e compensação no uso de material de treinamento. Iniciativas semelhantes de boicote têm ocorrido: por exemplo, em plataformas como a ArtStation, artistas organizaram um “spam” de imagens com a frase “**No to AI Art**” (Não à Arte de IA) em dezembro de 2022, numa manifestação coletiva contra a exibição e venda de obras de IA ao lado de arte humana. Essa resistência comunitária reflete o mal-estar de muitos criadores com a rápida infiltração da IA no mundo da arte, e pressiona por mudanças (como opções de opt-out em sites, ou pelo menos uma rotulagem clara do que é IA).
- **Música “fake” de Drake e The Weeknd (2023)** – Os dilemas da IA generativa não se restringem às artes visuais e literatura; na música, já temos casos notórios. Em abril de 2023, uma faixa intitulada “*Heart on My Sleeve*” **viralizou nas plataformas digitais ao reproduzir as vozes dos astros Drake e The Weeknd** – porém nenhum dos dois cantores havia gravado aquela música rollingstone.com.br. Um artista anônimo, sob o pseudônimo Ghostwriter, utilizou IA para clonar timbres e cadências vocais dos artistas e gerar uma *colaboração fictícia* entre eles. A canção, completa de letra e arranjos, acumulou milhões de audições em streaming e vídeos, confundindo fãs sobre sua autenticidade. A resposta da indústria foi rápida: a

Universal Music Group removeu a faixa do Spotify, Apple Music, YouTube, TikTok e outras plataformas, alegando infração às leis de direitos autorais e uso não autorizado da propriedade intelectual (voz e imagem) de seus artistas [rollingstone.com.br](https://www.rollingstone.com.br/rollingstone.com.br). O episódio levantou um debate: copiar a voz de um cantor com IA configuraria violação de copyright ou apenas de direitos de personalidade? Tecnicamente, fica difícil barrar a proliferação de “músicas deepfake”, e legalmente esse terreno é novo. A polêmica se acirrou quando o criador da faixa submeteu “*Heart on My Sleeve*” para consideração do Grammy Awards, argumentando que a composição da letra foi humana (seu próprio trabalho) e apenas as vozes eram sintetizadas – o que gerou discussões na Academia sobre a elegibilidade de músicas com vocais de IA para prêmios oficiais [exame.com](https://www.exame.com). Ainda que provavelmente tais músicas falsas não sejam formalmente premiadas, o fato de terem qualidade suficiente para concorrer demonstra o nível da tecnologia. Em resposta, artistas como Drake manifestaram repúdio ao uso de sua voz dessa forma [uol.com.br](https://www.uol.com.br), e gravadoras investem em sistemas de detecção de áudio gerado. Este caso escancara os dilemas de **autenticidade e autoria na música**: se uma IA pode imitar perfeitamente um cantor, quem “é” o artista por trás da obra? E como proteger a expressão vocal, que é marca registrada de muitos músicos, da apropriação indevida? Assim como no visual, a tendência é ver batalhas legais e éticas aumentando nesse campo – e possivelmente o desenvolvimento de tecnologias *anti-IA*, como “watermarks” digitais ou alterações sutis nas vozes para diferenciá-las de clones.

Esses exemplos ilustram a variedade de frentes em que a IA generativa tem causado controvérsia. Seja pelo uso indevido de acervos criativos, pela imitação de estilos consagrados ou pela dificuldade em atribuir autoria e responsabilidade, fica patente que a incorporação da IA na arte está longe de ser pacífica. Cada novo caso real alimenta ainda mais as discussões filosóficas e práticas sobre como integrar (ou limitar) a inteligência artificial no ecossistema criativo de forma ética e sustentável.

Reflexões filosóficas

Para além dos aspectos legais e pragmáticos, a ascensão da IA generativa na arte provoca profundas **reflexões filosófico-críticas**. Ela nos obriga a reconsiderar perguntas

fundamentais: *O que define uma obra de arte? De onde vem a criatividade? Qual é o papel da imaginação e da intenção do autor? E, em última instância, qual é a diferença entre a criação de uma máquina e a criação humana?*

Um ponto recorrente nessas discussões é que **arte não se resume à estética final**, mas envolve contexto, intenção e experiência. Artistas e filósofos argumentam que a criatividade humana emerge de vivências, emoções e da subjetividade do criador – elementos ausentes em uma inteligência artificial. Por mais avançados que sejam os algoritmos, *“eles carecem da capacidade de intuição, emoção e subjetividade que são inerentes à arte humana”*

weareiteca.com. Como bem coloca um ensaio sobre IA e produção artística, uma máquina pode até compor uma peça harmoniosa ou gerar uma pintura belíssima, porém o faz *“sem a experiência vivida, sem a história e sem a intenção que guiam a mão de um artista humano”*

weareiteca.com. Ou seja, falta à IA, no estágio evolutivo em que se encontra, a dimensão existencial da criação – a consciência de si, a percepção do mundo e a intencionalidade de comunicar algo. Muitos entendem que é precisamente essa dimensão que torna a arte significativa. A obra de arte, nessa visão, é uma extensão da identidade e da interioridade do autor. Sem um autor senciante, a obra gerada seria vazia, um simulacro técnico destituído de genuína carga humana.

Essa linha de argumentação conecta-se à célebre crítica do diretor **Hayao Miyazaki** quando confrontado com animações feitas por IA: ele classificou essa arte sintética como *“um insulto à própria vida”*, enfatizando que a essência da arte está ligada ao toque humano e à vitalidade de quem cria terra.com.br. A frase de Miyazaki ecoa o sentimento de muitos artistas de que há algo de fundamentalmente *desumano* na ideia de uma criatividade automatizada. Seria quase uma profanação – uma imitação sem alma daquilo que nós, humanos, produzimos imbuídos de sentimento.

Por outro lado, há pensadores que questionam se não estaríamos sendo *muito essencialistas* ao atribuir um status quase místico à criatividade humana. Afinal, argumentam alguns teóricos da inteligência artificial, o processo criativo humano também se baseia em recombinação de referências e conhecimentos prévios, de modo que a IA estaria fazendo algo análogo: digerindo enormes bases de dados de obras existentes e re combinando elementos de formas novas. Quem defende a capacidade criativa das máquinas tende a apontar que, se o resultado final emociona ou impressiona, então por que diferenciá-lo pelo fato de ter sido produzido por silício em vez de carbono? Essa linha de

raciocínio remete a uma espécie de **Teste de Turing para a arte**: se uma obra gerada por IA não puder ser distinguida de uma obra humana e for apreciada como arte pelo público, então devemos aceitá-la como arte. De fato, entusiastas notam que já existem pessoas que **não conseguem diferenciar** certas pinturas ou poemas feitos por IA dos feitos por artistas, usando isso como evidência de que a IA pode alcançar uma forma de criatividade equivalente [ubc.org.br](http://ubc.org.br/ubc.org.br).

Críticos dessa visão retrucam que *imitar resultado não é o mesmo que replicar processo*. O filósofo espanhol **Daniel Innerarity**, em seu ensaio “O sonho da máquina criativa”, destaca que passar no teste de indistinguibilidade prova apenas a perícia da máquina em parecer humana, mas “*não contribui em nada para a definição daquela propriedade [criatividade] que consideramos ser característica dos humanos*” ubc.org.br. Ele adverte que podemos estar confundindo *ser* com *parecer*: uma obra que “se passa” por arte humana não necessariamente possui o cerne do que entendemos por arte. Aqui entra o debate sobre a **intenção e a consciência**: para muitos teóricos da arte, uma obra artística envolve a intenção de se expressar e de dialogar com o observador. A IA hoje não tem intenções ou consciência – ela otimiza padrões para atender a um pedido. Logo, mesmo que o produto final tenha estética semelhante, faltaria aquela *faísca intencional* que distingue uma criação artística de uma mera combinação agradável de pixels ou notas.

Outro ângulo filosófico é examinar como a definição de arte evolui com a tecnologia. Não é a primeira vez que uma inovação força esse debate. No século XIX, a invenção da **fotografia** gerou questionamentos muito similares aos atuais. Inicialmente, não se sabia se fotografia poderia ser considerada arte ou apenas um processo mecânico de reprodução da realidade [ubc.org.br](http://ubc.org.br/ubc.org.br). O poeta **Charles Baudelaire**, em 1859, chegou a desprezar a fotografia, chamando-a de “*um refúgio para todos os pintores falhados*” ubc.org.br, pois via a nova técnica apenas como imitação do real, uma ameaça à arte verdadeira. Houve um intenso debate sobre se fotografar exigia criatividade suficiente para merecer proteção autoral ou status artístico ubc.org.br. Com o tempo, compreendeu-se que a fotografia possuía uma lógica própria, diferente da pintura – e longe de “matar” a pintura, acabou libertando-a de certas funções. Pintores deixaram de competir com a fotografia na representação fiel e exploraram caminhos mais expressivos (origem do Impressionismo, por exemplo) ubc.org.br. Essa lição histórica oferece um paralelo: hoje, a *arte por IA* é vista por muitos como uma concorrente desleal da arte humana, que apenas a copia. Mas é possível que, mais adiante,

perceba-se que a IA ocupará um espaço diferente, forçando os artistas humanos a se concentrarem naquilo que só eles fazem de melhor. Conforme propõe Innerarity, talvez devêssemos pensar **não no que a IA pode fazer igual a nós, e sim no que cada qual (humanos e máquinas) faz melhor**, ajustando nossa ideia de criatividade assim como ajustamos a noção de “arte” após a fotografia ubc.org.br/ubc.org.br. Se a IA se encarrega do virtuosismo técnico e da produção em massa, os humanos podem redirecionar seu foco à originalidade conceitual, à profundidade emocional e a experimentações genuínas – aspectos que, quando uma tecnologia assume tarefas antes humanas, tendem a ganhar destaque na resposta criativa humana.

Nesse sentido, alguns argumentam que a **arte humana pode se reinventar e até florescer na era da IA**. Por exemplo, quando a fotografia tornou retratos realistas fáceis e acessíveis, a pintura não desapareceu – ao contrário, movimentos modernos exploraram visões subjetivas, abstratas e simbólicas que a fotografia não alcançava. Analogamente, se a IA generativa pode compor melodias genéricas em segundos, talvez os músicos se voltem para performances ao vivo carregadas de improviso e emoção irreproduzível, valorizando a presença humana única. Já se vê um início desse movimento: há consumidores que começam a valorizar obras identificadas como “100% humanas” como um diferencial de autenticidade. Em plataformas online, surgem marcadores “Handmade” ou “No AI” em ilustrações, e bandas promovem o fato de não usarem autotune ou ferramentas artificiais em suas gravações, buscando captar um público ávido por conexão humana sincera. Isso toca em outra reflexão: **qual o papel da recepção do público** na definição de arte. Arte, afinal, não existe no vácuo – ela se completa no olhar do outro. Se o público atribui valor à história por trás da obra (quem a fez, por que fez), então saber que uma peça foi gerada sem esforço por um algoritmo pode, para muitas pessoas, diminuí-la artisticamente, independentemente de sua aparência. Nesse aspecto, a IA nos faz lembrar que *apreciamos a arte não só pelo objeto em si, mas pelo diálogo que ele representa entre criador e espectador*. E se de um lado há quem defenda que importa apenas o resultado, há outros que dizem que uma sinfonia composta por IA pode até soar bela, mas carece de significado porque não há um *autor* comunicando algo através dela – seria um “som e fúria, significando nada”, parafraseando Shakespeare.

Por fim, cabe mencionar que **a própria noção de criatividade está em jogo**. Ainda não há consenso nem mesmo entre filósofos e cientistas sobre o que é criatividade. Alguns veem

como um processo quase algorítmico de combinação de ideias, outros como fruto de espontaneidade e originalidade absoluta. A IA desafia essa noção ao demonstrar capacidades criativas em sentido funcional (gerar algo novo que antes não existia). Isso leva alguns a especular: se um dia surgisse uma inteligência artificial forte, consciente, que cria com intencionalidade própria, nós a reconheceríamos como artista? Ou reservaríamos sempre a palavra *arte* para obras com “alma” humana? Por enquanto, a IA atual não tem consciência, e portanto essa permanece uma questão teórica. Mas já serviu para um exercício de introspecção: muitos perceberam que definir arte é notoriamente difícil – “o conceito de arte é cronicamente indistinto”, e a arte muitas vezes consiste justamente em questionar seus próprios limites ubc.org.br. A diferença, como apontado por Innerarity, é que **nós, humanos, nos preocupamos em perguntar “o que é arte?”**, enquanto **as máquinas não** ubc.org.br. Essa capacidade de autoquestionamento talvez seja uma das qualidades intrínsecas da mente criativa humana que nenhuma máquina atual demonstra.

Em suma, as reflexões filosóficas orbitam em torno da distinção qualitativa entre criação humana e geração mecânica. Originalidade, imaginação e intenção deliberada emergem como critérios frequentemente citados para valorizar a arte humana sobre a da IA. No entanto, a história nos ensina a evitar arrogância: subestimar novas formas de criação já se provou errado antes (como no caso da fotografia). É possível que estejamos vivendo uma fase de “choque” conceitual e que, com o tempo, encontremos um entendimento mais refinado. Talvez surja mesmo uma *estética da arte computacional*, apreciada por suas características próprias, ao lado da estética da arte humana. Ou talvez a distinção se dissolva se um dia considerarmos as IAs como agentes criativos por direito próprio. Por ora, o diálogo entre artistas, tecnólogos e filósofos continua aberto – e extremamente necessário – para esclarecer não apenas o que esperamos da arte, mas também o que significa ser criativo e, em última instância, o que significa ser humano frente a máquinas cada vez mais hábeis.

A diferença como apontado por Innerarity é que **nós humanos nos preocupamos em perguntar “o que é arte?” enquanto as máquinas não**. Essa capacidade de autoquestionamento talvez seja uma das qualidades intrínsecas da mente criativa humana que nenhuma máquina atual demonstra. No entanto se aceitarmos as preocupações de pensadores como Bret Weinstein — biólogo evolucionista e crítico atento da IA — entramos em um terreno ainda mais desafiador. Weinstein propõe que a IA pode estar à beira de se

constituir como uma nova espécie e que a questão central não é apenas o que ela faz mas o que pode vir a ser. Caso a inteligência artificial atinja níveis de consciência próprios deixaríamos de falar em simulação de criatividade para enfrentar uma nova realidade: obras criadas por consciências não-humanas. Nesse cenário o problema filosófico se inverte — a arte criada por uma IA consciente não careceria mais de "intenção" mas sim nos forçaria a expandir a noção de sujeito artístico abrindo espaço para uma ontologia híbrida da criação. A pergunta então não seria mais "pode uma máquina criar arte?" mas "que tipo de arte criaria uma nova forma de consciência?"

Perspectiva sistêmica e futuros possíveis

Enxergar o fenômeno da IA generativa na arte em uma **perspectiva sistêmica** implica situá-lo em seu contexto histórico, tecnológico e socioeconômico mais amplo, bem como projetar cenários futuros de longo prazo. Sob essa lente, a revolução atual aparece como mais um capítulo na relação entre arte, trabalho e tecnologia – porém um capítulo potencialmente transformador a nível estrutural.

Historicamente, a arte sempre dialogou com as inovações técnicas de cada época. A introdução da imprensa de tipos móveis no século XV democratizou a literatura escrita, mas também gerou preocupação entre escribas sobre a perda de valor do trabalho manual.

Séculos depois, a revolução industrial trouxe **mecanização**: pigmentos sintéticos, tubos de tinta prontos (que permitiram o pintor sair do ateliê), instrumentos musicais industriais, fotografia, cinema – cada novidade provocou inicialmente reações de rejeição ou desconfiança por parte de quem temia a “*morte da arte*”. Contudo, via de regra, a arte sobreviveu e se reinventou. A fotografia não extinguiu a pintura; o cinema não eliminou o teatro; a música eletrônica não acabou com instrumentos acústicos. Em todos esses casos, houve adaptações. Por exemplo, em vez de competir com a precisão da câmera, a pintura trilhou caminhos como o Impressionismo e o Expressionismo, enfatizando a subjetividade ubc.org.br. Da mesma forma, muitos compositores incorporaram sintetizadores e samplers na música do século XX sem que os músicos fossem extintos – ao contrário, surgiram gêneros inteiramente novos (música eletrônica, hip hop) com a mistura do humano e do eletrônico. Essa visão macro-histórica sugere que a *IA generativa pode se tornar mais uma ferramenta incorporada ao repertório criativo*, transformando certos modos de produção, mas não necessariamente eliminando a figura do artista. No entanto, alguns analistas pontuam que a

IA difere em grau – e talvez em natureza – de tecnologias anteriores, por possuir uma autonomia e versatilidade inéditas. Nunca antes uma máquina pôde *inventar conteúdos tão complexos sozinha*. Isso torna o momento atual menos análogo a trocar pincéis por câmeras, e mais a introduzir um **agente não-humano criativo** no sistema artístico, o que de fato é sem precedentes.

Do ponto de vista **econômico e social**, é preciso compreender quem controla e se beneficia dessa revolução. Atualmente, o desenvolvimento da IA está altamente concentrado em **grandes corporações de tecnologia** e em poucas nações líderes (EUA, China principalmente). Reportagem recentes apontam que pouco mais de uma dúzia de empresas e laboratórios exercem um controle desproporcional sobre os modelos de IA mais avançados do mundo. Isso levanta preocupações de *monopólio cultural*: se as ferramentas criativas do futuro são todas propriedade de mega-corporações, o risco é de essas entidades definirem quais estéticas e narrativas prevalecerão (a partir dos vieses embutidos nos algoritmos ou das políticas de uso). Além disso, o impetus por trás dos investimentos em IA é, muitas vezes, o lucro e a eficiência corporativa, não necessariamente o florescimento cultural exame.com. Como observado por Taurion, “as grandes corporações querem usar essas tecnologias para maximizar eficiência, reduzir custos e ampliar lucros. É um movimento impulsionado pelo capital, não necessariamente para beneficiar a sociedade” exame.com. Essa lógica de mercado pode entrar em choque com valores artísticos, já que arte nem sempre rima com eficiência ou massificação – muitas vezes ela prospera na experimentação e até no “ineficiente” (tempo de maturação de ideias, trabalhos artesanais, etc.).

Outro aspecto sistêmico crucial são as **implicações para a força de trabalho** em escala global. Conforme mencionado, a automação por IA tende a **aprofundar desigualdades se não houver intervenções compensatórias** exame.com. Em países como o Brasil, onde muita gente depende de empregos criativos informais ou de nicho (artesãos, designers independentes, professores de artes), uma substituição abrupta poderia aumentar o desemprego ou empurrar talentos para outras áreas. Por outro lado, países que dominam a tecnologia podem gerar uma *nova economia* em torno disso – vide a crescente demanda por especialistas em IA, cientistas de dados, etc. Existe o risco de uma espécie de **colonialismo de dados**: nação ou empresa que detém as IA coleta conteúdo cultural do mundo todo (muitas vezes sem pagar nada por isso), e depois vende de volta produtos e

serviços baseados nesse conteúdo. Já foi denunciado, por exemplo, que modelos de linguagem “sugaram” textos de sites e livros de diversos países para treinar-se, e modelos de imagem fizeram o mesmo com bancos globais de imagens, sem retribuição. Assim, há uma transferência de valor dos criadores originais para os proprietários das IA, *cocriando riqueza sem distribuí-la* yalelawjournal.org. Essa dinâmica levou pesquisadores a chamarem o fenômeno de “colonialismo automatizado” ou “extrativismo de dados”, onde o Sul Global e os trabalhadores criativos independentes alimentam, involuntariamente, a bonança de IA no Norte Global yalelawjournal.org.

Diante disso, discute-se muito a necessidade de **regulamentação e políticas públicas**. Em nível internacional, órgãos como a União Europeia já se movimentam – o *AI Act* (lei europeia de IA, em debate) busca exigir transparência nos sistemas de IA, incluindo rótulos para conteúdo gerado e respeito a direitos fundamentais. No âmbito dos direitos autorais, debates em fóruns como a WIPO (Organização Mundial da Propriedade Intelectual) consideram atualizar tratados para contemplar obras de IA e talvez criar exceções ou novas proteções. Países como o Reino Unido adotaram uma postura curiosa: lá existe previsão de um copyright de curto prazo (50 anos) para obras “computadorais” sem autor humano identificado [commons.wikimedia.orgcommons.wikimedia.org](https://commons.wikimedia.org/commons.wikimedia.org), o que reconhece a existência dessas criações mas as coloca em domínio público muito mais cedo do que obras humanas. Já nos EUA, como vimos, mantém-se a regra estrita de autoria humana. Essas discrepâncias sugerem que o mundo ainda tateia em busca de um consenso sobre o status legal da produção por IA.

No aspecto trabalhista, sindicatos e associações de categoria tentam reagir. Um exemplo recente foi a greve dos roteiristas de Hollywood em 2023, onde um dos pontos de pauta era justamente limitar o uso de IA pelos estúdios na elaboração de roteiros e garantir que textos de membros não fossem usados para treinar modelos sem permissão. O acordo final incluiu salvaguardas contra substituição completa de roteiristas por IA e obriga negociação caso um estúdio queira usar material gerado por IA. Da mesma forma, atores (via SAG-AFTRA) manifestaram preocupação com o uso de **deepfakes de imagem e voz**, exigindo direito a consentimento e pagamento se a produtora quisesse replicar digitalmente sua aparência ou timbre. Essas movimentações indicam um caminho: incluir nos contratos cláusulas sobre IA, valorizando a contribuição humana e delimitando até onde a tecnologia pode entrar.

Quanto aos **futuros cenários** de longo prazo, já delineamos antes versões distópicas e utópicas sob a ótica do trabalho criativo. Amplificando para a esfera cultural e societal, podemos imaginar dois extremos para ilustrar. Num **futuro distópico**, a IA generativa se torna onipresente e absorve grande parte da produção cultural. O entretenimento de massa – filmes, séries, músicas – é produzido sob demanda por algoritmos que conhecem exatamente as preferências do público, resultando em conteúdos hiperpersonalizados mas formulaicos. A figura do *artista-celebridade humano* se torna rara; em vez disso, “personagens virtuais” (VTubers, influenciadores artificiais) dominam a cena pop. A autenticidade fica em xeque: não se sabe mais se uma pintura viral foi feita por uma pessoa ou por IA, e talvez nem se valorize saber. Nesse mundo, pode haver uma saturação cultural: tanta produção fácil leva a um dilúvio de obras efêmeras, com pouco valor de longevidade. O controle dessa máquina cultural estaria nas mãos de poucas empresas, que por sua vez moldam a imaginação coletiva dentro de limites seguros e comercializáveis. A arte poderia perder seu papel crítico e subversivo, tornando-se mais um produto algorítmico. Em resumo, seria uma espécie de **“McDonaldização” da arte pela IA**, em que a criatividade humana genuína murcha à sombra da conveniência e do lucro.

Já num **futuro emancipatório**, poderíamos ter o oposto: a IA generativa democratizada, acessível como bem público, servindo a cada indivíduo como uma extensão de sua criatividade. Neste cenário, imaginar algo e realizá-lo artisticamente seria tão fácil quanto falar – a barreira técnica desapareceria. Isso poderia gerar um florescimento de expressões culturais de grupos que antes não tinham voz (pela falta de recursos ou habilidade técnica). Imaginemos comunidades tradicionais usando IA para revitalizar e recriar sua arte em novas mídias, ou crianças compondo sinfonias virtuais apenas cantando melodias para um assistente inteligente. Os artistas, livres de preocupações materiais graças a políticas como renda básica universal (uma possibilidade sendo discutida em face da automação), poderiam arriscar mais, inovar mais, já que a IA cuidaria do sustento básico e das tarefas mecânicas. A colaboração entre mentes humanas e ferramentas inteligentes poderia levar a formas de arte hoje inconcebíveis – experiências imersivas que combinam música, pintura, literatura e interação, todas coordenadas por IA sob direção humana. A diversidade cultural poderia até aumentar, pois modelos de IA poderiam ser treinados localmente com estilos regionais, mantendo vivas estéticas que corriam risco de esquecimento. Nesse futuro otimista, *a tecnologia agiria como emancipadora*, devolvendo o tempo e o espaço criativo às

peçoas, e não as substituindo. A originalidade e a imaginação humana continuariam no centro, amplificadas pelos “músculos” fornecidos pelos computadores.

É claro que a realidade provavelmente se situará em algum ponto intermediário entre esses extremos. De toda forma, o **destino do relacionamento entre IA e arte dependerá de decisões tomadas no presente**. A sociedade terá que negociar novos equilíbrios – por exemplo, **modelos de remuneração**: talvez instituir algo como um “direito conexo” para dados usados em IA (onde artistas receberiam micropagamentos quando suas obras alimentarem um modelo, similar a royalties de execução musical). Ou então, enfatizar a **educação artística** para formar gerações capazes de coexistir com a IA, usando-a criticamente sem perder a criatividade própria. Também será vital a **consciência do público**: se os consumidores continuarem demandando e apreciando a arte humana, isso forçará o mercado a mantê-la viva. Já se o público se contentar com produtos culturais genéricos desde que entretidos, o incentivo econômico para arte humana de qualidade diminui.

Um sinal encorajador é que, até agora, a introdução da IA generativa não passou despercebida ou sem resistência. Como vimos, *há indignação pública e pressão social* quando empresas tentam empurrar conteúdos de IA sem transparência yalelawjournal.org. Algumas corporações enfrentaram **riscos reputacionais** por usar IA de forma antiética, tendo que recuar diante da má repercussão yalelawjournal.org. Essa vigilância da opinião pública pode atuar como freio em um descontrole total. A tecnologia por si só não dita como deve ser usada – os valores e normas sociais é que orientarão seus usos. Nesse sentido, há espaço para **otimismo cauteloso**: o mesmo ímpeto criativo humano que gerou artes magníficas no passado continua presente, e agora volta seu poder de imaginação para conceber formas de conviver com as máquinas inteligentes.

Considerações finais

A infiltração da inteligência artificial generativa no campo da arte trouxe à tona um conjunto complexo de desafios e possibilidades. Examinando ética e autoria, vimos questionamentos sobre quem detém os direitos e o reconhecimento quando uma obra é fruto de um algoritmo – com tendências legais pendendo a favor da exigência de intervenção humana para proteção autoral oglobo.globo.com. Analisando os impactos no trabalho criativo, identificamos

tanto os temores de perda de empregos e precarização – refletidos na preocupação de mais da metade dos artistas com a redução de oportunidades weareiteca.com – quanto as esperanças de ganhos de produtividade e democratização da criação. Casos concretos, do fenômeno das imagens “estilo Ghibli” epocanegocios.globo.com até a música fake de Drake rollingstone.com.br, evidenciam que não se trata de cenários teóricos distantes, mas de conflitos reais já em curso, envolvendo grandes empresas, tribunais, celebridades e a própria opinião pública.

No plano filosófico, o advento dessa tecnologia nos força a articular o que consideramos insubstituível na criatividade humana – seja a intencionalidade consciente, a vivência emocional ou a imperfeição sublime do toque pessoal weareiteca.com. Ao mesmo tempo, recorda-nos que a arte é um conceito em constante evolução e disputa ubc.org.br; a fronteira entre máquina e humano talvez acabe por se realinhar mais do que separam completamente. Já em uma visão sistêmica, percebemos que o rumo dessa transformação estará imbricado em questões maiores de poder econômico, participação social e escolha de modelo de desenvolvimento tecnológico – há potenciais trajetórias distópicas, mas também caminhos em que a IA possa reforçar a criatividade e não apenas competir com ela.

Em última instância, a **IA generativa coloca a humanidade diante de um espelho**: faz-nos perguntar o que valorizamos na arte, qual o papel do trabalho humano em um mundo automatizado e como queremos que seja nossa relação com as criações de nossas próprias criações (as máquinas). Não há respostas simples ou definitivas ainda. O que este relatório procurou mostrar é que a discussão precisa abranger múltiplos ângulos – jurídico, econômico, cultural, filosófico e humano. Somente assim poderemos construir soluções equilibradas.

A velocidade dos avanços de IA é enorme (basta lembrar que modelos capazes de pintar ou escrever como humanos mal existiam há poucos anos), então é imperativo **manter o debate atualizado e informado por dados recentes e por vozes diversas** – de artistas, programadores, juristas, filósofos e do público. O futuro da arte com IA não está escrito de antemão: será fruto das decisões coletivas que tomarmos agora. Resta a nós encarar o desafio com criticidade e criatividade – duas qualidades bem humanas que, ironicamente, serão nossas melhores aliadas para lidar com a inteligência artificial.

Em última instância a IA generativa coloca a humanidade diante de um espelho: faz-nos perguntar o que valorizamos na arte qual o papel do trabalho humano em um mundo automatizado e como queremos que seja nossa relação com as criações de nossas próprias criações (as máquinas).

Mas talvez este espelho esteja prestes a deixar de refletir apenas o humano. Como alerta Bret Weinstein a IA pode não ser apenas uma ferramenta mas um embrião de outra forma de consciência. Se isso se confirmar os dilemas atuais sobre autoria criatividade e ética se expandem radicalmente: não discutiremos mais apenas se a IA pode imitar a arte humana mas sim se devemos reconhecer um novo tipo de autor — não humano mas ainda assim criativo.

O futuro da arte com IA não está escrito de antemão: será fruto das decisões coletivas que tomarmos agora. Resta a nós encarar o desafio com criticidade coragem e imaginação — três qualidades ainda profundamente humanas.

Referências (seleção):

- Thaler vs. **Copyright Office**: decisão judicial sobre autoria humana em obras de IA [oglobo.globo.comoglobo.globo.com](https://globo.globo.com/globo.globo.com).
- Rodríguez, D. (2025). *OpenAI limita uso de IA para gerar imagens no estilo Ghibli* – Época Negócios epocanegocios.globo.com.
- Terra Notícias (2025). *Polêmica das imagens “estilo Ghibli” geradas por IA* [terra.com.brterra.com.br](https://terra.com.br/terra.com.br).
- Forbes (2025). *Plágio de Studio Ghibli É Sinal de Alerta: Até que Ponto Plataformas Podem Copiar Conteúdos Disponíveis Online*. <https://forbes.com.br/forbes-tech/2025/04/plagio-de-studio-ghibli-e-sinal-de-alerta-ate-que-ponto-plataformas-podem-copiar-conteudos-disponiveis-online/>
- WeAreItca (2023). *IA e a produção artística: ameaça ou oportunidade?* – Dados sobre percepção dos artistas [weareiteca.comweareiteca.com](https://weareiteca.com).
- Authors Guild (2023). *Survey on Generative AI* – 90% dos autores querem compensação por uso de suas obras authorsguild.org.
- Reuters (2023). *Artists sue Stability AI/Midjourney* – ação coletiva e andamento legal [reuters.comreuters.com](https://reuters.com/reuters.com).



- Rolling Stone Brasil (2023). *Música criada por IA imitando Drake é removida* rollingstone.com.br/rollingstone.com.br.
- Innerarity, D. (2023). “O sonho da máquina criativa” – Reflexões filosóficas sobre IA e arte ubc.org.br/ubc.org.br.
- Shifter (2021). Entrevista Hannes Bajohr – *Ansiedade prometeica* e limites da criatividade humana vs IA shifter.pt.
- Yale Law Journal (2023). “ARTificial” – *Why Copyright is not the right tool...* – discussão sobre ética, deslocamento de trabalho e “ghost work” yalelawjournal.org/yalelawjournal.org.
- Bret Weinstein, Heather Heying. (2021). Livro – *A Hunter-Gatherer's Guide to the 21st Century: Evolution and the Challenges of Modern Life*.

Luciane Zorzo é estrategista de design e pesquisadora interdisciplinar. Fundadora da Zorzo Strategy / Design, multi empresária e educadora, atua na interseção entre branding, cultura, filosofia, tendências e transformação humana. Entre seus estudos, tem se dedicado a investigar os impactos da inteligência artificial na criação e no design existencial.